

# As definições de ficção científica da crítica brasileira contemporânea

The definitions of science fiction of contemporary brazilian criticism

Arnaldo Pinheiro Mont'Alvão Júnior<sup>1</sup>

<sup>1</sup> Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS

[z.montalvao@gmail.com](mailto:z.montalvao@gmail.com)

**Abstract.** *The objective of this research is to investigate the definitions of science fiction developed by Brazilian critics of this genre nowadays: the definitions by the concept of myth, the set by the post-modernism and the based on the “sense of wonder”. These definitions are the following books: Ficção científica, fantasia e horror no Brasil: 1875 a 1950 (2003), by Roberto de Sousa Causo; O rasgão no real: metalinguagens e simulacros na narrativa de ficção científica (2005), by Bráulio Tavares; A construção do imaginário cyber: William Gibson, criador da cibercultura (2006), by Fábio Fernandes.*

**Keywords.** *Science fiction; comparative literature; post-modernism.*

**Resumo.** *O objetivo desta pesquisa é investigar as definições do conceito de ficção científica idealizadas pelos críticos brasileiros deste gênero na atualidade: a definição pelo conceito de mito, a configurada pelo pós-modernismo e a baseada no “sentimento de maravilhoso”. Estas definições se encontram nos seguintes livros: Ficção científica, fantasia e horror no Brasil: 1875 a 1950 (2003), de Roberto de Sousa Causo; O rasgão no real: metalinguagens e simulacros na narrativa de ficção científica (2005), de Bráulio Tavares; A construção do imaginário cyber: William Gibson, criador da cibercultura (2006), de Fábio Fernandes.*

**Palavras-chave.** *Ficção científica; literatura comparada; pós-modernismo.*

## 1. Introdução

Esta pesquisa pretende discorrer a respeito das definições de ficção científica concebidas e praticadas pelos críticos brasileiros da atualidade. Entende-se que o primeiro crítico literário brasileiro a se interessar em analisar e realizar estudos sobre o gênero foi Otto Maria Carpeaux<sup>2</sup>. A princípio, o crítico atacou com veemência a ficção

---

<sup>1</sup> Mestrando do Programa de Pós-Graduação Mestrado em Estudos de Linguagens – PPGMEL/DLE/CCHS/UFMS, bolsista REUNI/PROPP/CPG, tendo como título do projeto de pesquisa “As (in)definições críticas da ficção científica brasileira contemporânea”, sob a orientação de Edgar César Nolasco. Este artigo faz parte do referido projeto em andamento. Tem artigos sobre ficção científica publicados na revista *Rabiscos de Primeira* e *Papéis* (no prelo), e nos livros *O objeto de desejo em tempo de pesquisa* (Corifeu, 2008) e *Literaturas invisíveis: ficção científica, auto-ajuda & Cia* (no prelo).

<sup>2</sup> Austríaco, veio ao Brasil com a esposa fugindo da Segunda Guerra Mundial, naturalizando-se brasileiro posteriormente. Formou-se em Matemática, Química e Física (possuindo assim formação científica), e também em Letras e Filosofia. Aprendeu a falar português sozinho e acabou sendo um dos maiores críticos literários do país, escrevendo sobre literatura brasileira e latino-americana, música, literatura alemã e mundial, e cultura brasileira. Segundo Tania Franco Carvalhal (2001, p. 23), “O. M. Carpeaux adota a comparação como um dos princípios para os estudos que desenvolve em sua *História da literatura ocidental* e em vários ensaios dispersos na obra de crítica. Freqüentemente envereda pelo rastreio de fontes ou por problemas de tradução, convertendo-se, também, em exemplar “intermediário”, difusor entre nós de autores europeus pouco conhecidos. Kafka, por exemplo, foi um dos escritores que Carpeaux encarregou-se de divulgar para a intelectualidade brasileira”. (grifo do autor)

científica, pois comparava esta literatura com outras vertentes literárias se baseando nas obras conhecidas como *space operas*<sup>3</sup>. Entretanto, após analisar as principais obras da ficção científica, Carpeaux se entusiasmou, percebendo que as peculiaridades deste gênero eram bastante interessantes. Mais adiante, até o início da década de 1990, esta crítica era exercida pelas comunidades de fãs de ficção científica denominada *fandom*<sup>4</sup>. Os leitores e escritores de ficção científica, que compõem o *fandom*, influenciados pelos clássicos estrangeiros do gênero, sobretudo pela *science fiction* anglo-americana, escreviam seus textos e eles próprios os debatiam. Em seus comentários, davam conta de reconhecer tais influências. Assim, realizavam uma crítica literária comparativista.

## 2. O não-lugar da ficção científica brasileira: considerações da crítica literária

Porém, o conceito crítico elitista desvaloriza o trabalho marginal do *fandom*, não apenas por ser praticado por meio de publicações amadoras conhecidas como *fanzines*<sup>5</sup>, mas por considerar mais adequada a crítica realizada por profissionais. A questão torna-se mais complexa quando o tradicionalismo também ignora a ficção científica e nenhuma outra comunidade se interessa em prosseguir com o trabalho crítico antes construído pelo *fandom*. Pelo jornalismo cultural, as narrativas de ficção científica eram associadas ao lócus científico ou à cultura pop. E no meio acadêmico, estes textos eram estudados pelos conceitos da filosofia e da comunicação, sem a devida atenção literária. Essa indiferença ocasionou certo atraso intelectual de nossa produção, análise e debate crítico literário, prejudicando a produção e o desenvolvimento da ficção científica brasileira: “embora o estudo acadêmico da ficção científica seja relativamente novo no

---

<sup>3</sup> A definição de André Carneiro (2004, p. 2) para explicar o que são as *space operas* é bastante esclarecedora: “Basta transportar o detetive truculento para outro planeta, fazê-lo descobrir crimes misteriosos entre mulheres bonitas, vestidas sumariamente, enquanto robôs ajudam o criminoso, para que se venda toda uma edição em livro de bolso. A linguagem pseudocientífica, repleta de incongruências, resolve qualquer dificuldade do enredo. O herói aventureiro, até mesmo o *cowboy* do *far-west*, podem ser transformados em homens espaciais. Veículos os mais diversos substituem o seu cavalo e o antigo revólver calibre 45 passa a expelir chamas ou raios atômicos. Esta ficção científica, nos países de língua inglesa (principalmente nos Estados Unidos), tomou o nome específico de *space opera*” (grifo do autor). Conforme ainda afirma Bráulio Tavares (1992, p. 9), “Uma faixa mais sofisticada do público e da crítica considera essas obras um mero divertimento para adolescentes”.

<sup>4</sup> *Fandom* é uma expressão inglesa que pode significar domínio do fã (*fan dominion*). Segundo a enciclopédia *The Encyclopedia of Science Fiction* (1993), o *fandom* surgiu no final da década de 1920 logo após o aparecimento das primeiras revistas de ficção científica (as *pulp magazines*), quando os leitores de ficção científica e fantasia formavam grupos locais que mantinham contato entre si através dos *fanzines* e de reuniões. Roberto de Sousa Causo, em conversa por e-mail, me informou que “o primeiro *fandom* brasileiro surgiu em 1965 com a fundação da Associação Brasileira de Ficção Científica, na I Convenção Brasileira de Ficção Científica, em São Paulo, durante a qual foi publicado o primeiro *fanzine* brasileiro de FC, *O CoBra* (de “CONvenção BRAsileira”). Esse primeiro *fandom* publicou ainda o *fanzine* *Dr. Robô*, e esteve ativo nominalmente até 1971, quando a ABFC figurava como entidade consultora junto ao *Magazine de Ficção Científica* (1970-71) da Editora da Livraria o Globo, de Porto Alegre. O *fandom* brasileiro ressurgiu como o *Fandom Moderno* em 1981 com os *fanzines* *Star News*, da Sociedade Astronômica Star Trek (São Paulo, SP), e *Boletim Antares*, do Clube de Ficção Científica Antares (Porto Alegre, RS), e ainda está em atividade, agora também pela Internet”. Bráulio Tavares (2006, p. 110) afirma que “no Brasil esse fenômeno do “*fandom*” ainda está engatinhando”.

<sup>5</sup> A definição do dicionário digital Aulete basta para explicar o que significa *fanzine*: “Publicação sobre cinema, música ou ficção científica, feita de modo artesanal por fãs – [F.: Do ing. (EUA) *fanzine* (fan 'fã' + (maga)zine 'revista').]”

Brasil, a partir dos anos setenta o gênero já começava a receber considerações sérias dos críticos americanos” (GINWAY, 2005, p. 15).

O equívoco da crítica literária tradicionalista é taxar a nossa ficção científica de paraliteratura, marginal, suburbana, periférica. Assim como faz com todos os gêneros que não compartilham dos mesmos valores elitistas:

Tem sido ainda grande o esforço da crítica em nomear os discursos que não se enquadram nos critérios da alta literatura, escolhendo-se, entre vários termos, ora o de *paraliteratura*, o de *contra-literatura*, ora o de literatura *parapolicial*, correndo-se sempre o risco de uma classificação equivocada. (SOUZA, 2002, p. 85, grifo do autor).

As palavras da crítica estadunidense de ficção científica Elizabeth Ginway também são esclarecedoras a esse respeito:

A ficção científica brasileira também sofre da idéia de que um país do Terceiro Mundo não poderia autenticamente produzir tal gênero, e das atitudes culturais elitistas que prevalecem no Brasil. Como um gênero popular, a ficção científica brasileira no Brasil tem recebido pouca atenção acadêmica séria, ainda que alguns dos seus primeiros praticantes fossem figuras literárias bem estabelecidas, como Dinah Silveira de Queiroz, da Academia Brasileira de Letras, e o poeta André Carneiro. Não é de surpreender que a maior parte dos primeiros estudos dedicados ao gênero enfocassem a ficção científica praticada fora do Brasil. (GINWAY, 2005, p. 27).

Escritores dos mais célebres clássicos brasileiros contribuíram de alguma forma para a literatura de ficção científica no Brasil, ponto no qual podemos surpreender os críticos tradicionalistas. A antologia organizada por Roberto de Sousa Causo, *Os melhores contos de ficção científica* (2007), traz o conto *O imortal*, escrito em 1882 e cujo autor é Machado de Assis. O tema da imortalidade e a reflexão científica futura em torno da medicina homeopática intensificam a atmosfera mitológica da ficção científica nesse conto de Machado: “A ciência de um século não sabia tudo; outro século vem e passa adiante. Quem sabe, dizia ele consigo, se os homens não descobrirão um dia a imortalidade, e se o elixir científico não será esta mesma droga selvática?” (ASSIS, 1994).<sup>6</sup> Em 1893, Aluísio Azevedo também praticou ficção científica escrevendo seu livro de contos *Demônios* no qual “através de um sonho, descreve o Rio de Janeiro em trevas, recuando ao caos da Criação, quando o tempo pára” (OTERO, 1987, p. 186). *O presidente negro* (1926), de Monteiro Lobato, recentemente lançado pela Editora Globo, nos chama atenção hoje por retratar, no ano futuro de 2228, a disputa entre um negro e uma mulher pela presidência dos Estados Unidos<sup>7</sup>, além de prever a existência da internet:

o radiotransporte tornará inútil o corre-corre atual. Em vez de ir todos os dias o empregado para o escritório e voltar pendurado num bonde que desliza sobre

<sup>6</sup> Referência da publicação da editora Nova Aguilar. Este texto não está paginado.

<sup>7</sup> Esse fato – da Editora Globo aproveitar um assunto atual que interessa ao mundo inteiro e publicar *O Presidente Negro* – corrobora a seguinte afirmação de Eneida Maria de Souza (2002, p. 86): “Uma vez que o objeto literário encontra-se, há muito tempo, desprovido da aura e transformado em mercadoria, recalando-se o traço do trabalho que o produziu, torna-se igualmente difícil identificar o repertório de leituras do escritor. Esse sentimento de perda estende-se ainda à memória, que tanto pode ser cultivada como o reduto das grandes obras presentes na biblioteca dos autores, quanto como resquício de outras manifestações culturais, entre as quais aí se inclui o universo da cultura de massa”.

barulhentas rodas de aço, fará ele o seu serviço em casa e o radiará para o escritório. Em suma: trabalhar-se-á a distância. E acho muito lógica esta evolução. (LOBATO, 2008, p. 65).

Seguindo a linhagem de H. G. Wells e Monteiro Lobato, Erico Verissimo aborda temas como viagem no tempo e dinossauros no romance *Viagem à aurora do mundo* (1939)<sup>8</sup>. Outro escritor de grande prestígio que se aventurou pela ficção científica foi João Guimarães Rosa. Braulio Tavares em *A pulp fiction de Guimarães Rosa* (2008) analisa o conto *Um moço muito branco*, da antologia *Primeiras Estórias* (1962), mostrando que este conto pode “ser descrito sem esforço como um conto de ficção científica” (TAVARES, 2008, p. 62), não apenas devido à riqueza de elementos próprios da ficção científica presentes no conto – o que confere característica essencial à arte narrativa dos relatos de ficção científica –, mas também pelo estilo empregado pelo escritor se aproximar do estilo empregado nas tessituras das obras do gênero. Tavares vai além quando analisa o estilo de Rosa:

Creio que se no Brasil dos anos 30 ou 40 houvesse literatura fantástica de grande qualidade e de dimensões épicas a carreira literária de Guimarães Rosa (1908-1967) poderia ter se desviado no rumo da Fantasia – ele teria se tornado, talvez, uma espécie de “nosso Tolkien”. Apesar das evidentes diferenças, os dois escritores tinham em comum uma porção de elementos: a visão épica, a erudição, o interesse pela linguagem. Além disso, pode-se dizer que o projeto literário de ambos partia do mesmo gesto: a tentativa de fundar uma região mítica (Middle-Earth, o Sertão) recriada com rigor cartográfico, e que serviria de cenário para as batalhas cósmicas entre o Bem e o Mal (TAVARES, 2008, p. 9).

Esses exemplos comprovam que há muito tempo tem-se praticado o gênero no país: “a ficção científica existe no Brasil pelo menos desde a segunda metade do século 19” (CAUSO, 2006). Hoje, como ignorar um gênero que atrai grande número de brasileiros? Como não notar a lotação das salas de cinema para exibições das produções hollywoodianas<sup>9</sup>? Não obstante, o desinteresse pelo debate crítico da ficção científica retardou a propagação e a conseqüente firmação do gênero na literatura brasileira. Conforme expõe Braulio Tavares a respeito da *literatura* de ficção científica brasileira:

[...] nosso mercado editorial está num período de enorme estrangulamento. Temos cada vez mais editoras, cada vez mais títulos, cada vez mais lançamentos, mas a base de leitores não se amplia. O que há é um crescimento e diversificação da oferta, para um público consumidor que proporcionalmente é o mesmo de 20 ou 30 anos atrás. A ficção científica jamais vai encontrar espaço nessa briga-de-foice [...] (TAVARES, 2006, p. 109).

Fabiana Pereira ainda aponta, na dissertação *Fantástica margem: o cânone e a ficção científica brasileira* (2005), que devido à marginalidade do gênero no país, as

<sup>8</sup> O próprio Verissimo afirma, em nota publicada em 1960, ter sido influenciado por uma obra de ficção científica: “foi Conan Doyle que com o seu *O Mundo Perdido* fez que - sendo eu já adulto - meu interesse por aqueles monstros pré-históricos revivesse”.

<sup>9</sup> Segundo notícia publicada no site da Revista In, a Warner Bros divulgou que, em seu final de semana de estreia no Brasil, em Janeiro de 2008, o filme de ficção científica *Eu sou a lenda* (*I Am Legend*, 2007), foi assistido por 527.223 pessoas. É um bom exemplo de como os brasileiros gostam das histórias do gênero.

grandes editoras brasileiras evitam a classificação *ficção científica*, preferindo termos mais abrangentes como *literatura brasileira* ou mesmo *literatura infanto-juvenil*.<sup>10</sup>

Assim, a ficção científica brasileira traça seu caminho suburbano. Os sites das comunidades de fandom dispõem contos, promovem concursos, publicam livros e os vendem pela internet<sup>11</sup>. Editoras independentes são criadas para a publicação de livros do gênero,<sup>12</sup> apesar de outras editoras também se disporem a publicar livros de ficção especulativa (fantasia, horror e ficção científica).

Mesmo com esse caráter marginal, sem relevância literária acadêmica, a produção e a análise crítica da literatura de ficção científica no Brasil nunca cessaram, vivendo momentos distintos, definidos como *ondas*. A *Primeira Onda* é o período compreendido entre 1958 e 1971. Cerca de quinze obras foram produzidas nessa época embalada pelo lançamento do *Sputnik*<sup>13</sup>. Os escritores do gênero da época foram impulsionados pelas edições GRD do editor Gumercindo Rocha Dorea<sup>14</sup>. Especializada em literatura de ficção científica, a editora GRD publicava ficção científica brasileira e também anglo-americana. A *Segunda Onda* ocorreu durante a década de 1980 com o surgimento do fandom. O papel importante do fandom foi aumentar a produção e a discussão do gênero. Dentre as publicações dos fanzines, em 1988 foi publicado no fanzine *Somnium* o *Manifesto Antropofágico da Ficção Científica Brasileira*. Escrito por Ivan Carlos Regina, esse manifesto propunha o desprezo à influência anglo-americana como consequência de uma firmação da criatividade própria brasileira. Hoje a produção crítica e literária desse gênero se intensifica no Brasil. Por isso, fala-se em uma nova fase para a ficção científica brasileira, que estaria vivendo este momento já definido pelos seus aficionados como a Terceira Onda:

Graças às comunidades da Web, novos autores<sup>15</sup> [...] foram surgindo e ocupando um lugar fundamental na literatura do gênero e em suas discussões críticas [...] o que está gerando um grande burburinho e debates envolvendo os grupos da chamada Segunda Onda e desta que já foi batizada como Terceira Onda (FERNANDES, 2008).

Meu objetivo não é lamentar a condição da ficção científica brasileira ou aspirar ao seu reconhecimento como literatura de qualidade no cenário mundial, mas realizar uma breve apresentação de seu espaço, seu não-lugar ocupado na história da literatura do Brasil e na memória das considerações da crítica literária nacional. Contudo, hoje as produções literária e crítica da ficção científica brasileira vão se firmando, ocupando seu

---

<sup>10</sup> O livro de Erico Veríssimo, *Viagem à aurora do mundo*, por exemplo, faz parte da *Série Paradidática Globo*. A respeito dessa obra, Skorupa (2002, p. 58) afirma que “a intenção de divulgar ciência, no estilo do trabalho de Verne, é evidente pelo modo com descreve (sic) os animais e seu habitat, sendo assim classificado pela editora que o denomina: *romance didático*”. (grifo nosso)

<sup>11</sup> O concurso promovido pelo projeto FC do B recebeu quase duzentos contos de ficção científica pela internet. Resultou numa coletânea de 27 contos publicada pela Editora Corifeu.

<sup>12</sup> A série de antologias originais do Brasil, *Ficção de Polpa*, organizada pelo gaúcho Samir Machado de Machado, inaugurou a Editora Fósforo com seu volume 1 e criou a Não Editora no volume 2.

<sup>13</sup> Primeiro satélite artificial da Terra, lançado pela União Soviética em 1957.

<sup>14</sup> Fausto Cunha (1973, p. 11) ressalta a importância desse editor para a ficção científica brasileira: “Bem merece o editor Gumercindo Rocha Dória que se batize com o seu nome a geração de autores de ficção científica surgida, por assim dizer, à sombra de sua sigla”.

<sup>15</sup> Somam-se a esses novos autores, acadêmicos universitários que vêm produzindo pesquisas importantes nesta área. A UFMS (Universidade Federal de Mato Grosso do Sul), por exemplo, já conta com duas dissertações de mestrado e dá continuidade com mais duas outras pesquisas de mestrado sendo desenvolvidas no momento.

espaço, assumindo posições, inovando estilos, criando e estabelecendo novos conceitos, vivendo um bom momento.

### 3. Made in USA

Provenientes do fandom, os escritores brasileiros de ficção científica, além de produzirem suas narrativas, também desenvolvem estudos críticos da produção dessa literatura no Brasil na linha comparativista. A análise desses estudos comparativos realizados nos permite identificar o interesse dos brasileiros pela *science fiction* norte-americana. Autores e obras anglo-americanos são citados na maioria das obras brasileiras que trazem análises teóricas sobre o desenvolvimento do gênero no Brasil.

Ao refletirmos sobre uma possível réplica da afirmativa de Candido, “estudar literatura comparada é estudar estudos culturais”, intuímos que esta influência norte-americana desemboca em obras e estudos os quais mostram um entrelaçamento dessa cultura com a nossa. *A corrida do rinoceronte* (2006) de Roberto de Sousa Causo é um romance de ficção científica ambientado nos Estados Unidos onde o protagonista Eduardo Câmara, brasileiro, tenta ganhar a vida na Califórnia. “Carros eram um traço da cultura americana que Eduardo apreciava. Nem tudo o que chegava dos ianques interessava a ele, mas carros... Especialmente os tipos envenenados como este, que eram chamados de *street machines*” (CAUSO, 2006, p. 7). No conto de Bráulio Tavares, *Carta à Redação*, da antologia *Outras copas, outros mundos* (1998), o professor de psico-história da Universidade Federal Fluminense, Romero Rivarola, cursou mestrado pela Miskatonic University, em Arkham, nos Estados Unidos. Fábio Fernandes também é impulsionado pela cultura norte-americana. Seu conto *Charlotte Sometimes* (2006), além do título, cita Philip K. Dick, gênio estadunidense da ficção científica, e deixa transparecer na escrita seu estímulo com expressões como *bar dark* e *because it’s there*<sup>16</sup>.

Os críticos Edgar Nolasco e Rodolfo Londero dissertam sobre a ficção científica brasileira ressaltando a capacidade deste gênero

em adotar vários estilos e conteúdos, mas manter suas *bases* inalteráveis. No Brasil, os escritores de ficção científica aceitam essa *capacidade* como fato incontestável, ou seja, adotam estilos e conteúdos tipicamente brasileiros, mas mantêm as *bases*, as ideologias, da produção estrangeira. (NOLASCO; LONDERO, 2006, p. 49, grifo do autor)

Vale ressaltar que, além das obras literárias, também os estudos críticos de ficção científica têm suas análises construídas a partir de considerações sobre obras anglo-americanas.

Contudo, como assegura Silviano Santiago, “a situação da literatura latino-americana, ou da brasileira em particular, com relação à literatura européia ontem e à literatura americana do norte hoje, já não apresenta um terreno tão tranqüilo” (SANTIAGO, 1982, p. 20). Quando afirmo que a literatura de ficção científica brasileira busca referências da norte-americana e, conseqüentemente, é influenciada por ela, não significa que nossa produção está atrelada à dos Estados Unidos. Segundo Arthur Nestrovski,

---

<sup>16</sup> Muitos outros exemplos poderiam ser mencionados, porém me limito a estes três autores porque seus trabalhos fazem parte do meu objeto de pesquisa.

No que concerne a uma tradição eminentemente importadora como a do Brasil, a questão da influência é particularmente crucial para um entendimento das relações entre a nossa literatura e a literatura portuguesa, ou as literaturas de língua francesa, ou inglesa, ou espanhola, as três fontes principais, hoje, nesse nosso *agon* intercultural. A produção literária só é possível a partir do momento em que o “filho” acredita, iludidamente ou não, numa chance de se livrar da dependência [...] (NESTROVSKI, 1992, p. 226, grifo do autor).

Seguindo esse raciocínio e considerando o fato de nossa produção mostrar-se original e apresentar seu perfil próprio, é possível afirmar que nossa literatura de ficção científica não é dependente da norte-americana. Concordamos que nossa produção cultural tem caráter importador, inclusive a nossa literatura de ficção científica. Porém, consideramos que esta já acredita ser independente, sendo capaz de produzir literatura de qualidade. Essa prática comparativista – entre nossa produção e a da anglo-americana – ocorre porque, em nenhum outro lugar do mundo, a ficção científica se desenvolveu tanto quanto nos países de língua inglesa – especificamente nos Estados Unidos e na Inglaterra:

nos Estados Unidos, provavelmente, existiria o maior público da SF, representado principalmente pelos leitores das revistas *Galaxy*, *Analog* e *The Magazine of Fantasy and Science Fiction*, cada uma delas com tiragens superiores a 100.000 exemplares. A publicação de romances e antologias de qualidade é enorme nesse país. (Embora, naturalmente, a *space opera* e as aventuras dedicadas à juventude dominem numa alta porcentagem (sic), como é compreensível). (CARNEIRO, 2004, p. 23, grifo do autor)

Portanto, as produções destes países servem de referência para o gênero no resto do mundo: Rússia, Japão, Austrália, Canadá, México, Espanha, África do Sul, Portugal, Equador, França, etc. Logo, a crítica brasileira de ficção científica pratica a comparação das obras produzidas aqui – por escritores brasileiros – com as obras provenientes dos Estados Unidos e da Inglaterra.

#### **4. Tendências a serem investigadas: as (in)definições da literatura de ficção científica brasileira contemporânea**

É possível, porém, perceber, nos trabalhos dos críticos atuais brasileiros, uma tendência em partilhar três conceitos para definir a literatura de ficção científica: a primeira definição que discutirei neste texto aponta para a concepção de *mito*, a segunda configura-se através do conceito de *pós-modernismo* e a seguinte é caracterizada baseando-se no plano do *sense of wonder* ou *sentimento de maravilhoso*. A partir de agora, através da prática comparativista e considerando as relações entre os conceitos de literatura e de estudos culturais, realizarei uma apresentação sucinta dessas três definições de ficção científica praticadas por três dos mais relevantes críticos deste gênero literário no Brasil nesta década de 2000.<sup>17</sup> Para tanto, analisarei como objeto

---

<sup>17</sup> A investigação dessas três definições de ficção científica postuladas pela crítica brasileira contemporânea do gênero faz parte de um projeto maior, intitulado *As (in)definições críticas da ficção científica brasileira contemporânea*, que hoje está sendo desenvolvido no Programa de Pós Graduação Mestrado em Estudos de Linguagens (PPGMEL) da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS).

desse estudo as definições de ficção científica que estão contidas em cada um destes livros: *Ficção científica, fantasia e horror no Brasil: 1875 a 1950* (2003), de Roberto de Sousa Causo; *O rasgão no real: metalinguagens e simulacros na narrativa de ficção científica* (2005), de Braulio Tavares; *A construção do imaginário cyber: William Gibson, criador da cibercultura* (2006), de Fábio Fernandes.

O primeiro conceito para uma definição do que é ficção científica, possível de ser identificado na obra da crítica brasileira do gênero, é o do mito. Skorupa (2002) considera que a ficção científica compartilha mitos com a ciência numa relação de verossimilhança. “Basicamente, existem quatro grandes mitos comuns a ambos, e dois particulares à ficção científica” (SKORUPA, 2002, p. 107): o mito da Teoria (ou da Hipótese), o mito do Cientista, o mito da Instituição Científica, o mito da Máquina, o mito do Disco Voador e o mito da Profecia.

As histórias de literatura especulativa – fantasia, horror e ficção científica – sempre existiram, divulgadas oralmente, contadas em rodas de amigos e reuniões familiares. Nestas narrativas, seres e acontecimentos fantásticos, ilusórios e imaginários ganhavam mais força pela tradição e imaginação popular. Sobre estes contos onde os conflitos entre anjos, dragões e objetos mágicos poderiam transformar uma comunidade, Causo afirma que “em termos de crítica literária, eram narrativas próximas ao que Northrop Frye chamou de ‘mito’, dentro de sua ‘Teoria dos modos’” (CAUSO, 2003, p. 25).

*Ficção científica, fantasia e horror no Brasil: 1875 a 1950* (2003), de Roberto de Sousa Causo, traça o desenvolvimento geral da ficção científica brasileira até 1950, buscando um estudo desde o período em que a literatura especulativa se insere no país. É visível nessa obra que Causo se volta mais para o conceito de ficção científica como mito. Não por acaso, o autor afirma em seu livro que “às vezes a ficção científica é chamada de ‘mitologia moderna’, o que nos obriga a retornar à questão do mito” (CAUSO, 2003, p. 34).

A segunda definição identificada é procedente do pós-modernismo. As obras jogam com os conceitos de real e ficcional, trocando, relacionando e até mesmo misturando o mundo real com o mundo simulacro. O mundo real (que é o mundo do leitor, o nosso mundo) é questionado como menos verdadeiro do que se imagina, e o mundo simulacro (o mundo irreal, da história) pode tornar-se mais verdadeiro que o real. As narrativas pós-modernistas de ficção científica exploram a imaginação do leitor, expondo uma dificuldade em distinguir o que é ficção e o que é realidade.

*O rasgão no real: metalinguagens e simulacros na narrativa de ficção científica* (2005), de Braulio Tavares, autor que enfatiza o pós-modernismo em seu trabalho; discute os conceitos de realidade propostos por diferentes estilos literários e a mistura de realidade e ficção realizada pela ficção científica. Tavares comenta, por exemplo, sobre obras do escritor estadunidense Philip K. Dick, um dos mais célebres escritores do gênero.

Philip K. Dick é o autor de FC que formulou com mais insistência e maior variedade de abordagens a questão: “O que é Real?” Embora vários de seus livros abordem alucinações causadas por drogas ou por doenças mentais, em geral eles nos propõem um mundo real e depois nos mostram que aquilo não passa de uma ilusão: o mundo real é



outro, imensamente mais complexo, e, em geral, um pesadelo arrepiante. (TAVARES, 2005, p. 48)

Tavares analisa o livro de Dick *Time Out of Joint* (1959) – *O homem mais importante do mundo* em português – considerando que essa talvez seja “[...] a obra de FC que problematiza de maneira mais original a existência de um mundo artificial tido como real pelos que o habitam [...]” (TAVARES, 2005, p. 42). Nesta história, Ragle Gumm vive numa cidade pacata do interior dos Estados Unidos na década de 1950. Mora com o cunhado e a irmã e para ajudar nas despesas da casa, ele participa semanalmente de um concurso que sempre ganha. O concurso consiste em um quebra-cabeça de 1.208 peças onde, ao montá-lo, é possível descobrir onde está o homenzinho verde – que é o objetivo desse jogo intitulado *Where Will the Little Green Man Be Next?* Porém, na verdade o mundo está em guerra contra as colônias humanas da Lua e Gumm é o único homem capaz de prever onde cairão os próximos mísseis do inimigo. Ele foi introduzido num mundo simulacro para aliviar sua carga de responsabilidade, pois sofreu um colapso nervoso. O próximo alvo será justamente o lugar onde está o homenzinho verde. Segundo Tavares,

*Time Out of Joint* é um livro emblemático não só da obra de Philip K. Dick, mas da ficção científica contemporânea, porque nele a fronteira que separa a Realidade e o Simulacro é ao mesmo tempo a fronteira que separa a literatura *mainstream* e a ficção científica. (TAVARES, 2005, p. 44 – 45, grifo do autor)

Outra obra de Dick que pode ser citada é *The man in the high castle* (1962) – *O homem do castelo alto* em português. Nela, Dick cria um mundo onde o Eixo Alemanha, Japão e Itália vencem a Segunda Guerra Mundial. Os Estados Unidos são habitados na costa oeste por japoneses e na costa leste por alemães. Alemanha e Japão vivem uma espécie de guerra fria. Nesse contexto, existe um escritor de ficção científica que escreve um livro onde quem vence a Segunda Guerra Mundial são os Estados Unidos e seus aliados. Neste livro, considerado o melhor de toda a obra de Dick, o autor [...] extrapola a linha divisória entre as noções de passado, presente e futuro, problematizando a relação entre o “acontecido” e o “narrado” ao revelar a realidade como um simulacro, onde se desenrolam várias outras realidades alternativas. (GOMES, 2007, p. 55)

Tavares também atenta para o exagero cometido pelos programas de televisão na luta pela audiência, transformando situações onde o conflito entre ficção e realidade é intenso. Segundo Tavares, “à medida que a TV deixa de ser um mero espetáculo e transforma-se num meio de organização e controle da sociedade, nada mais é impossível” (TAVARES, 2005, p. 35). As pegadinhas, por exemplo, são situações montadas por equipes de profissionais altamente qualificados onde pessoas, famosas ou não, passam por situações constrangedoras, vivendo uma situação fictícia, mas pensando que é realidade. Como no filme *O Show de Truman* (1998). Sem saber da verdade, Truman Burbank vive num mundo simulacro, totalmente artificial. Toda a sua vida foi transmitida pelas câmeras de televisão, desde seu nascimento. Ao final do filme, ele descobre que o mundo real era bem maior que o seu.

A terceira definição conceitua a ficção científica com base no *sense of wonder* ou *sentimento de maravilhoso*. As narrativas são surpreendentes, espantosas, constituídas por situações inusitadas, “criando na mente do leitor uma sensação

simultânea de familiaridade e de estranhamento” (FERNANDES, 2006, p. 32). Trazem o extraordinário e o sobrenatural, causam admiração através de uma narrativa que consiste em surpreender o leitor, ao se romper com as formas tradicionais da narrativa ficcional.

Como no conto *Charlotte Sometimes* (2006) de Fábio Fernandes. Este conto se inicia sem parágrafo, com letra minúscula, dando a impressão de que a primeira parte da narrativa foi excluída. Parece ser a seqüência de um acontecimento anterior, mas que não foi narrado. Desta forma, o primeiro impacto causado no leitor é de estranhamento. Esse recurso instiga o leitor à reflexão, a imaginar o que teria acontecido antes. Segue abaixo o início desse conto:

assim como Júlio está consciente agora, mesmo que não se lembre de como foi parar ali, naquele lugar escuro, úmido e apertado, não o lugar escuro, úmido e apertado dentro do qual ele queria estar na quele momento, mas um lugar envolto em brumas, imagens ligeira mente distorcidas, como se vistas através de um vidro coberto por uma fina camada de condensação, ou através de olhos cansados e pesados de fumo, bebida ou ácido ou quem sabe até as três coisas juntas, não seria impossível, e em todo caso seria provavelmente mais viável que um sonho, enfim, poderia também ser um sonho, mas isso se ele não tivesse certeza de que está tão desperto, coisa que a latinha de cerveja que praticamente congela sua mão não o deixa esquecer e nisso é muito mais eficaz do que qualquer investigação filosófica a respeito da natureza da realidade, ou do que qualquer livro de Philip K. Dick ou Cortázar. Júlio está no meio da pista de dança, atravessando-a à procura. De quem? Não lembra.[...] (FERNANDES, 2006, p. 98)

Fábio Fernandes, em seu livro *A construção do imaginário cyber*: William Gibson, criador da cibercultura (2006), privilegia esse *sentimento de maravilhoso* como critério para a conceituação da ficção científica. Analisando quase toda a obra de William Gibson, Fernandes enfatiza o livro, por conseguinte de ficção científica, *Neuromancer*, de 1984. O termo *ciberespaço* surge na década de 1980 com o movimento *Cyberpunk*, e o livro de Gibson é o marco desse novo gênero da ficção científica. É importante esclarecer que o senso *de maravilhoso* não é uma definição específica do gênero *Cyberpunk*, mas para toda ficção científica.

## 5. Considerações finais

A crítica de ficção científica brasileira sempre se valeu da prática comparativista para debater e praticar esse gênero literário. Isso ocorre porque a atuação da ficção científica anglo-americana é a mais consistente do mundo. Nisso, a literatura comparada e os estudos culturais têm sido importantes ferramentas para o desenvolvimento da literatura de ficção científica brasileira, tão menosprezada pelo ideal elitista da crítica literária tradicionalista.

Durante todo o percurso da ficção científica no Brasil, os críticos literários brasileiros deste gênero, em sua maioria provindos do fandom, sempre deixaram claro que dar uma definição para o gênero não é tão simples tarefa. Porém, a crítica brasileira de ficção científica atual demonstra empregar três conceitos diferentes para tal definição. A ficção científica, então, passa a ser trabalhada por esses críticos como *mito*, narrativa contextualizada pelo *pós-modernismo* e como um *sentimento do maravilhoso* (*sense of wonder*).

Podemos encontrar essas tendências nas obras *Ficção científica, fantasia e horror no Brasil: 1875 a 1950* (2003), de Roberto de Sousa Causo; *O rasgão no real: metalinguagens e simulacros na narrativa de ficção científica* (2005), de Bráulio Tavares; *A construção do imaginário cyber: William Gibson, criador da cibercultura* (2006), de Fábio Fernandes. Nestas três obras nota-se que todos os autores valem-se de todas as três definições de ficção científica, todavia cada um dá ênfase à determinada definição.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSIS, Machado de. *O imortal*. In: *Obra completa de Machado de Assis, vol. II*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/PesquisaObraForm.do>>. Acesso em: 09 maio 2008.

CANDIDO, Antonio. *Literatura comparada*. In: CANDIDO. *Recortes*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

CARNEIRO, André. *Introdução ao estudo da "science fiction"*. São Paulo: Scorpio, 2004.

CARVALHAL, Tania Franco. *Literatura Comparada*. São Paulo: Editora Ática, 2001.

CAUSO, Roberto de Sousa. *A corrida do rinoceronte*. São Paulo: Devir, 2006.

\_\_\_\_\_. A primeira onda de ficção científica brasileira. *Terra Magazine*, 19 ago. 2006. Disponível em: <<http://terramagazine.terra.com.br/interna/0,,OI1100112-EI6622,00.html>>. Acesso em: 12 jun. 2008.

\_\_\_\_\_. *Ficção científica, fantasia e horror no Brasil: 1875 a 1950*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

\_\_\_\_\_. *Os melhores contos de ficção científica*. São Paulo: Devir, 2007.

CDN – COMUNICAÇÃO CORPORTATIVA. Estréia de Eu Sou a Lenda quebra recordes. *Revista IN Online*, São Paulo, 24 jan. 2008. Disponível em: <[http://www.revistainonline.com.br/ler\\_noticia\\_cultura.asp?secao=5&noticia=5451](http://www.revistainonline.com.br/ler_noticia_cultura.asp?secao=5&noticia=5451)>. Acesso em: 24 jun. 2008.

CUNHA, Fausto. A ficção científica no Brasil. In: ALLEN, L. David. *No mundo da ficção científica*. Trad. Antonio Alexandre Faccioli e Gregório Pelegi Toloy. São Paulo: Summus, 1974.

\_\_\_\_\_. Uma ficção chamada ciência. In: *Revista de cultura Vozes*, São Paulo, n. 5. p. 21-28, jun. 1972.

DICK, Philip K. *O homem do castelo alto*. São Paulo: Aleph, 2006.

FANDOM. In: CLUTE, John; NICHOLLS, Peter. *The encyclopedia of science fiction*. New York: St. Martin's Press, 1993. p. 402 – 403.

FANZINE. In: DICIONÁRIO Aulete Digital. Disponível em: <<http://www.auletedigital.com.br/>>. Acesso em: 23 jul. 2008.

FERNANDES, Fábio. *A construção do imaginário cyber: William Gibson, criador da cibercultura*. São Paulo: Anhembi Morumbi, 2006.

\_\_\_\_\_. Charlotte Sometimes. In: REZENDE, Dorva (org.). *Ficções – Revista de contos*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2006.

\_\_\_\_\_. Ficção Científica no Brasil: grandes esperanças. *Le Monde diplomatique*, 16 maio 2008. Disponível em: <<http://diplo.uol.com.br/2008-05,a2401>>. Acesso em: 17 maio 2008.

FRANÇA, Júnia Lessa *et al.* *Manual para normalização de publicações técnico-científicas*. 8. ed. rev. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.

GINWAY, M. Elizabeth. *Ficção científica brasileira: mitos culturais e nacionalidade no país do futuro*. Trad. Roberto de Sousa Causo. São Paulo: Devir, 2005.

GOMES, Anderson Soares. História e representação: o jogo de memória e realidade em o homem do castelo alto, de Philip K. Dick. In: NOLASCO, Edgar Cézár; LONDERO, Rodolfo Rorato (orgs.). *Volta ao mundo da ficção científica*. Campo Grande: Editora UFMS, 2007.

LOBATO, Monteiro. *O presidente negro*. São Paulo: Globo, 2008.

MACHADO, Samir Machado de. *Entrevista Samir Machado de Machado*. São Paulo: Terra Magazine, 2008. Entrevista concedida a Roberto de Sousa Causo. Disponível em: <<http://terramagazine.terra.com.br/interna/0,,OI2948503-EI6622,00.html>>. Acesso em: 15 jun. 2008.

MONT'ALVÃO JÚNIOR, Arnaldo Pinheiro. O Rasgão no Real: uma definição de ficção científica da crítica brasileira contemporânea. In: NOLASCO, Edgar Cézár (org.). *O objeto de desejo em tempo de pesquisa*. Rio de Janeiro: Corifeu, 2008.

NESTROVSKI, Arthur. Influência. In: JOBIM, José Luis (org.). *Palavras da crítica*. Rio de Janeiro: Imago, 1992.

NOLASCO, Edgar Cézár; LONDERO, Rodolfo Rorato. Definições para uma ficção científica brasileira: uma análise do gênero *cyberpunk*. In: NOLASCO, Edgar Cézár; GUERRA, Vânia Maria Lescano (orgs.). *Discurso, Alteridades e Gêneros*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2006.

OTERO, Léo Godoy. *Introdução a uma história da ficção científica*. São Paulo: Lua Nova, 1987.

PEREIRA, Fabiana da Camara G. *Fantástica margem: o cânone e a ficção científica brasileira*. Rio de Janeiro, 2005. 156 p. Dissertação (Mestrado em Estudos da Literatura). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2005.

SANTIAGO, Silviano. Apesar de dependente, universal. In: SANTIAGO. *Vale quanto pesa*. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1982. p. 13-24.

SKORUPA, Francisco Alberto. *Viagem às letras do futuro: extratos de bordo da ficção científica brasileira, 1947-1975*. Curitiba: Tetravento, 2002.

SOUZA, Eneida Maria de. *Crítica Cult*. Belo Horizonte: UFMG, 2002.

TAVARES, Bráulio. *A Pulp Fiction de Guimarães Rosa*. João Pessoa: Marca de Fantasia, 2008.

\_\_\_\_\_. Carta à Redação. In: BRANCO, Marcelo Simão (org.). *Outras copas outros mundos*. São Caetano do Sul: Ano Luz, 1998.

\_\_\_\_\_. *O que é ficção científica*. São Paulo: Brasiliense, 1992.

\_\_\_\_\_. *O rasgão no real: metalinguagens e simulacros na narrativa de ficção científica*. João Pessoa: Marca de Fantasia, 2005.

\_\_\_\_\_. Entrevista – Braulio Tavares. In: REZENDE, Dorva (org.). *Ficções – Revista de contos*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2006. Entrevista concedida a Dorva Rezende.

VERISSIMO, Erico. *Viagem à aurora do mundo*. Porto Alegre: Globo, 1980.

\_\_\_\_\_. *Viagem à aurora do mundo: comentário do escritor (1960)*. Disponível em: <<http://minerva.ufpel.tche.br/~felipezs/html/viagem2.html>>. Acesso em: 11 jul. 2008.

